

Curso de Mestrado em Economia da Faculdade de Ciências Econô-
micas da Universidade Federal da Bahia.

Nº 03

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O
MÉTODO EM MARX

Antonio Wilson Ferreira Menezes

Milton Santos Filho
Professor
Faculdade de Economia - UFBA

Dezembro/ 1990

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO EM MARX

Wilson F. Menezes
CNE/UFBA.

ATUALIDADE E NÃO NEUTRALIDADE DO MARXISMO

A obra de Marx é comumente considerada como uma grande realização intelectual. Althusser, por exemplo, considerou que antes de Marx apenas dois continentes do conhecimento científico foram abertos: o Continente-Matemática, pelo gregos do século V, e o Continente-Física por Galileu. Bottomore comparou a teoria social de Marx à teoria da evolução de Darwin. Emile James considerou Marx como o maior socialista e o maior economista do século XIX, sua obra como densa e difusa, estando suas idéias filosóficas, econômicas e sociológicas misturadas e apresentadas num estilo apaixonado, dogmático e abstrato, "por vezes muito obscuro"(1). Shumpeter, face ao poder de ressurgimento da obra de Marx, qualificou-a de grande, devido à força de sua estrutura, independentemente do amor ou ódio que a ela se dedique, mesmo que esta grande realização seja um poder das trevas(2). Sweezy, considerou Marx como um gênio, na medida que analisou o processo de trabalho no capitalismo sem ter sido "imediatamente implicado nele, e fazê-lo com inxcedível brilho e percuciência"(3). Tarefa impossível para o comum dos mortais sem a experiência direta como condição necessária. Entretanto, a despeito da importância do seu trabalho, importância esta comprovada pelo número infinito de interpretações de sua obra, Marx é um autor tido como enigmático e misterioso.

Que razão conduz a esta incompreensão? Segundo Althusser, "c'est un paradoxe que des spécialistes intellectuels hautement "cultivés" n'aient pas compris un livre qui contient la Théorie dont ils ont besoin dans leurs "disciplines" et qu'en revanche les militants du Mouvement Ouvrier aient compris ce même Livre malgré ses tres grandes difficultés. L'explication de ce paradoxe est simple (...) Si les ouvriers ont si aisément "compris" Le Capital c'est qu'il parle, en termes scientifiques, de la réalité quotidienne à laquelle ils ont affaire: l'exploitation dont ils sont l'objet du fait du systeme capitaliste"(4).

A razão principal para tal incompreensão é, certamente, de cunho objetivo e ideológico. Não obstante, uma razão não menos importante se prende à incompreensão do escopo metodológico empregado pelo autor. A falta de domínio do

1. JAMES, E. História sumária do pensamento econômico. Coimbra, Coimbra Editora, 1970.
2. SHUMPETER, J. 10 grandes economistas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958.
3. SWEEZY, P. Prefácio à BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
4. ALTHUSSER, L. Avertissement aux lecteurs du livre I du capital. In: MARX, K. Le capital. Paris, Garnier-Flammarion, 1969. p.8.

método conduz inquestionavelmente a grandes desvios, e contribui para o prosseguimento de conflitos no próprio seio do marxismo.

Evidentemente que as impurezas metodológicas tem suas causas também na ideologia, como campo particular onde se cristalizam os desejos e as formas de percepção do mundo. Assim é que não é rara a visão de um Marx "envelhecido", que se pretende impor através de um pensamento "moderno". É preciso pois saber que, em última instância essas imposições quer a derrocada do pensamento dialético.

Marx pode não ter dito tudo, não significa dizer que tenha errado no que disse. Assim, seus escritos continuam a constituir um rico manancial teórico para aqueles que pretendem viajar pelo campo da dialética. O progresso e o desenvolvimento consistem numa acumulação de conquistas e não na perda do que já foi conquistado. Não haveria ciência não fosse possível a transmissão do conhecimento, e teríamos constantemente um processo de superação que nos deixaria sempre na estaca zero do processo cognitivo.

A ultrapassagem do marxismo, para não cair na tentação do dogmatismo, é assim algo contraditório em termos. A negação pela ultrapassagem pode ser uma negação no plano ideológico, isso porque uma negação não anula os momentos anteriores de um processo dialético. A negação não significa a negação de tudo que existiu até então, ao contrário pressupõe a persistência do que virá a desenvolver-se.

Os fatos econômicos hoje tem confirmado o marxismo. As relações sociais que definiam o capitalismo não foram suprimidas pelo desenvolvimento da técnica. A diminuição da miséria, nos países industrialmente avançados, não tem dado ao proletariado as rédeas do seu destino, a dominação continua a ser exercida no plano econômico em que a ausência de liberdade se verifica pela subordinação à máquina, e a ausência de consciência se prende à fragmentação mesma do processo produtivo, alastrando alienação por todos os poros do organismo social.

O trabalho industrial impõe um totalitarismo acima dos regimes políticos e das fronteiras nacionais. Os homens hoje como ontem continuam a ser apêndices da máquina, o trabalho vivo tem se subordinado cada vez mais ao trabalho morto.

Por outro lado, hoje como ontem, se produz visando não a necessidade social, mas o lucro. As necessidades encontram-se completamente subjugadas ao aparelho produtivo. As satisfações humanas, individuais e coletivas, continuam a estar mediatizadas pelo valor de troca no mercado, saudadas pela publicidade como uma propensão natural à felicidade, encarnando na sociedade o mito da igualdade.

"Tous les hommes sont égaux devant le besoin et devant le principe de satisfaction, car tous les hommes sont égaux devant la valeur d'usage des objets et des biens (alors qu'ils sont inégaux et divisés devant la valeur d'échange). Le besoin étant indexé sur la valeur d'usage, on a une relation d'utilité objective ou de finalité naturelle devant laquelle il n'y a plus d'inégalité sociale ou historique. Au

niveau du bifteck (valeur d'usage), pas de prolétaire ni de privilégié" (5).

Não há imparcialidade da ciência em um mundo parcial. A ciência ganha uma conotação de classe quando expressa o conhecimento de uma sociedade fundada em classes sociais. Assim, tem-se de um lado a ciência liberal que justifica a naturalidade ou natureza das classes, ou mesmo nega-as peremptoriamente (6), na medida que defende as relações sobre as quais elas estão edificadas. Por outro lado, encontra-se o marxismo que, por reconhecer a existência das classes, declarou a sua abolição. Por isso mesmo o marxismo é partidário, não acima dos conflitos sociais, mas dentro deles.

"... a "Economia Política" avançou mais como ciência social enquanto era movida por um "pensamento negativo" do que quando passou a ser denominada Economia Positiva ou simplesmente "Economics". Lembremos que o pensamento dos grandes mestres, de Ricardo a Marx, a Shumpeter e Keynes, foi movido por poderoso impulso ideológico e que sua interpretação da sociedade em que viveram não estava desligada dos interesses das classes às quais defenderam explicitamente. Nem por isso o caráter científico de suas análises foi posto em dúvida e, pelo contrário, pode

5. BAUDRIILLARD, J. *La société de consommation*. Gallimard, 1970.

6. "De que maneira Lévy se dá conta, e com desiludida surpresa, de que a classe não existe? Descobrimo-la jamais tê-la encontrado em seu caminho. E tem razão: por acaso vocês já tomaram café, algumas vezes, num bar, com o Proletariado? Desse modo Lévy faz uma descoberta avassaladora: a classe foi inventada por Marx, foi por ele postulada a priori, construída teoricamente, e toda a ilusão socialista baseia-se nesse objeto que deve sua existência apenas à violenta ação coletiva que o profetiza.

Repare-se nas magníficas consequências destrutivas que se poderiam tirar desse procedimento de massacre epistemológico: o número não existe (foi inventado por Pitágoras e por Peano, nunca se viu um número andando pelo pátio de uma igreja), não existem nem o triângulo (um golpe de força de Euclides), nem a Ursa Maior, pois foi um astrônomo que traçou as linhas que ligam as estrelas, que até então estavam tranquilas no seu canto. Do átomo de Bohr, então, é melhor que nem se fale. Em poucas palavras, Lévy descobriu que a ciência é feita de abstrações e de conceitos, ou seja, que a Estrutura é Ausente, e seus nervos não aguentaram." (ECO, H. *Os novos filósofos*. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p.312).

afirmar-se que sua força crítica representou uma alavanca para o avanço do conhecimento científico"(7).

E por acatar o condicionamento histórico da sociedade, o marxismo repulsa as opiniões que acatam um caráter natural da ciência, tal como na física, química, biologia ou mesmo na matemática etc.

Esses dois cortes epistemológicos fazem surgir duas ciências. O que nos coloca diante da possibilidade do relativismo dos pontos de vista divergentes, que teriam como consequência a inexistência da verdade objetiva, exatamente na mesma medida que se tem duas. Aqui, o proletariado apresenta-se como transformador das condições sociais gerais, tal como o foi a burguesia no século XVIII. Assim, exatamente por considerar o capitalismo não como natural e eterno, mas histórico, tem o proletariado todas as condições objetivas para levar à luta de sua superação. Evidentemente que estar do lado do proletariado ainda não exime o analista de possíveis erros, um míope sobre uma montanha vê menos que qualquer outro de boa visão numa planície.

A ORTODOXIA DO MARXISMO

"O marxismo ortodoxo não significa, pois, uma adesão sem crítica aos resultados da pesquisa de Marx, não significa uma "fé" numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro "sagrado". A ortodoxia em matéria de marxismo refere-se, pelo contrário, e exclusivamente, ao método"(8).

Todo conhecimento da realidade parte dos fatos(9). Assim o importante é se saber quais fatos da vida social interessam para a tomada de conhecimento do ser social.

Não é cada número estatístico(10) ou cada fato isolado, mesmo uma sequência de fatos enunciados que fornece uma afirmação do movimento essencial da sociedade. Esse tipo de abordagem, empírica por natureza, que considera os fatos como suficientes para a tomada do conhecimento, abstrai o

7. TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. p. 25.
8. LUKACS, G. O que é marxismo ortodoxo? In: História e consciência de classe, estudos de dialética marxista. Porto, Escorpião, 1974. p. 15.
9. Exceto em Althusser, que parte de uma prática teórica onde "la connaissance travaillant sur son "objet" ne travaille pas alors sur l'objet réel, mais sur sa propre matiere premiere, qui constitue, au sens rigoureux du terme, son "objet" (de connaissance)" DEPRUN, J. Y-a-t-il une "pratique théorique"? In: Structuralisme et marxisme. Paris, Union Générale d'Édition, 1970. p.75.
10. Ver SILVEIRA, Antonio Maria da. A indeterminação de Morgenstern. In: Revista Brasileira de Economia. V. 38, no. 4, out/dez 1984. O autor desenvolve a tese das falsificações e mentiras contidas inevitavelmente nas estatísticas sociais, as quais proporcionam julgamentos, voluntários ou involuntários, de valor.

contexto social historicamente definido e toma o conhecimento quase como uma extensão da visão.

Por outro lado, a arregimentação de fatos pode mesmo servir de alimento inicial a um corpo teórico idealizado. Nasce daí setores "particulares" do conhecimento: economia, sociologia, direito etc(11).

A disciplinarização do conhecimento fez surgir as diferentes ciências sociais, bem como exige um sistema de modelações simplificadoras, em que as relações principais são escolhidas arbitrariamente pelo analista. Uma vez selecionadas, essas relações passam a ser consideradas como invariantes, o que torna desde então os modelos como exterioridade do cérebro e não da realidade.

Tomando as modelações econômicas a título de exemplo, tem-se que um modelo nada mais é que uma representação simplificada da realidade. Devendo-se proceder a um controle de suas dimensões básicas, ou seja, seu conteúdo e sua extensão.

O conteúdo é dado pelas características exigidas, é o que determina o grau de generalidade, o nível de abstração, sobre o qual se tem de operar. A extensão refere-se a todas as variedades das coisas incluídas. Conteúdo e extensão variam inversamente: para mais características, menos coisas. Quando nos fenômenos observados é confirmada a evidência de uma regularidade tenta-se implantar a teoria matemática, para facilitar o estudo.

Assim, com o auxílio da econometria, emprega-se o raciocínio matemático na economia, o qual se faz através da construção de modelos matemáticos. Um modelo matemático é uma imagem idealizada do mundo real, em que se estabelece uma representação simplificada e em símbolos matemáticos de certo conjunto de relações econômicas.

Parte-se pois da teoria econômica, constroi-se a modelação econométrica com o auxílio da matemática e testa-se as hipóteses previamente selecionadas. Nesse processo verifica-se a validade da própria teoria de onde se partiu.

Ao contrário, a dialética insiste na subordinação, historicamente condicionada, dos fatos a uma unidade maior. A dialética busca assim a explicação das leis que condicionam os fatos(12), nessa ou naquela ordem específica. Assim, o principal deixa de ser os fatos em si, mas a forma como estão sequenciados e obedientes a um processo histórico.

11. Não que essas disciplinas não produzam conhecimento, mas encontram-se limitas em seu alcance e problematizadas em suas fronteiras.

12. "Sous le familier, découvrez l'insolite, sous le quotidien, décelez l'inexplicable. Puisse toute chose dite habituelle vous inquiéter. Dans la regle découvrez l'abus, et partout ou l'abus s'est montré, trouvez le remede." é o que diz Bertold Brecht em sua peça *L'exception et la regle* (1930).

Portanto, se se pretende considerar os fatos em suas relações, convém precisar claramente a diferença entre o núcleo interior do fato e as representações que deles emanam. Faz-se assim a distinção entre essência e aparência dos fenômenos, o que permite imediatamente a elaboração de conceitos. A ciência supõe conceitos.

Aparência não coincide imediatamente com a essência dos fenômenos, daí o papel da ciência. Partir do imediato aparente para explicar o funcionamento da realidade é falsear a possibilidade de uma explicação verdadeira, na medida que o fenômeno imediatamente observável, que tem exatamente na sua aparência a forma de manifestação necessária e obrigatória (decorrente de sua historicidade), esconde ou escamoteia a essencialidade do próprio fenômeno. As relações íntimas contidas nos fenômenos devem ser captadas pelo processo de abstração, pela ciência.

Na reconstituição das relações que mediatizam os fatos nasce o concreto-pensado, não como forma ideal de expressão do analista, mas como forma captada no pensamento do desenvolvimento histórico real. As categorias, em Marx, exprimem as formas e condições de sua existência, sempre no plano social e histórico. Assim é que o capitalismo corresponde à teoria contida na obra de Marx e essa teoria corresponde à realidade do capitalismo.

A consideração do estado puro dessa sociedade permite agora a sua divisão em classes (proletariado e capitalista), essa consideração é possível desde que se tenham explicadas as relações factuais que engeodram a gênese dessas duas classes.

O antagonismo entre as classes proletária e capitalista dá a fisionomia da estrutura social do capitalismo, mas não significa dizer que sejam as únicas classes aí existentes. Na medida que outros modos de produção convivem subjugados ao capitalismo, outras classes a eles ligados subsistem no próprio seio do capitalismo, tanto no sentido de relações pré-capitalistas como no de germes de relações mais avançadas. São essas classes que, na defesa dos seus interesses se alinham ora com o proletariado, ora com o capitalista, acabam por dar um grau de incerteza ao desenvolvimento político da sociedade como um todo. O entendimento teórico do capitalismo na sua essência exige a consideração das classes que lhes são próprias, enquanto uma avaliação política do capitalismo não pode deixar de lado todos os demais condicionantes classistas.

Assim, é preciso distinguir desde então as categorias analíticas: modo de produção e formação social. O conceito de modo de produção inclui produção, distribuição, circulação e consumo dos bens materiais. O modo de produção compreende, ao agambarcar tudo isso, uma totalidade organicamente articulada, em que suas partes são distintas e independentes, autônomas e subordinadas ao todo. Na produção dos bens materiais os homens estabelecem relações objetivas e independentes de suas vontades que correspondem a determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas.

Estas relações constituem uma articulação organizacional, e são estabelecidas tendo em vista a operacionalidade dos meios de produção sobre o objeto de trabalho.

A técnica faz avançar os meios de produção, ou as forças produtivas, tanto a nível subjetivo (o próprio homem enquanto força produtiva, dotado de conhecimento técnico cada vez mais amplificado), como através da aplicabilidade desse conhecimento no feitiço de máquinas e equipamentos.

A conjugação das forças produtivas com as relações de produção modifica-se através dos tempos por meio de conflitos contrários no seio mesmo das relações de produção, permitindo, de um lado, a descontinuidade histórica, e de outro, a diferenciação dos modos de produção. A cada forma de articulação das relações de produção com as forças produtivas corresponde um modo de produção. Assim é que, em Marx, os modos de produção são definidos não pelo que se produz, mas como se produz as condições materiais da subsistência social. Por isso mesmo, a categoria de modo de produção somente encontra sentido no contexto de uma organização social historicamente determinada, jamais em abstrato enquanto conceito idealizado. Elimina-se pois a existência de qualquer caráter linearmente evolutivo e a possibilidade de uma teoria geral e a-histórica(13).

Por outro lado, o conjunto de uma sociedade é caracterizado pelo conceito de formação social, o qual é composto de diversos modos de produção e formas de consciência social, instituições, religião, Estado etc. Os modos de produção não encontram-se isolados e independentes no seio de uma formação social, mas articulados e subjugados ao modo de produção dominante. Nas sociedades "em que domina o capital, o que prevalece é o elemento produzido social e historicamente. Não se compreende a renda da terra sem o capital, entretanto compreende-se o capital sem a renda da terra. O capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo. Deve constituir o ponto de partida inicial e o ponto final a ser desenvolvido antes da propriedade da terra. Depois de considerar particularmente um e outro, deve-se estudar sua relação recíproca"(14). Assim é que, a análise de uma formação social deve ser iniciada pelo estudo do modo de produção hegemônico, o qual, isolado dos demais, é entendido em sua essencialidade pura (pela abstração), para em seguida se estudar os demais modos de produção em suas articulações subordinadas àquele modo dominante. A realidade social é ainda mais complexa que o exposto pela análise do capitalismo "puro".

Para obtenção das relações mais apropriadas ao desenvolvimento do capitalismo, enquanto totalidade a ser

13. A divisão da história da humanidade em cinco modos de produção: comunismo primitivo, escravismo, feudal, capitalismo e comunismo, se prende muito mais a um sentido doutrinário que à obra de Marx.

14. MARX, K. Para a crítica da economia política. São Paulo, Abril, 1982. p.18.

explicada, deve-se partir das determinações as mais elementares e imediatas do capitalismo, ao tempo em que o consequente avanço em termos do conhecimento requer a recomposição do todo que foi inicialmente dissecado no intelecto. A recomposição mental da realidade concreta do capitalismo, fornece ao mesmo tempo a explicação mais precisa desse mesmo concreto. A realidade não se dá ao pensamento de forma imediata. A realidade é a unidade dos fatos, mas numa ordem historicamente dada, é preciso buscar essa ordem na mediaticidade desses mesmos fatos, ou seja, em suas relações íntimas.

O marxismo intransigente e ortodoxo respeita na verdade esse método⁽¹⁵⁾ que tem a totalidade da realidade do capitalismo como resultado de suas relações íntimas, o que é muito diferente de uma posição acrítica da realidade, ou mesmo de uma postura que idolatra seus fundadores numa "ortodoxia" canhestra. Esse método afasta por completo os pontos de vista e passa a uma explicação unitária da história do capitalismo.

Unidade essa que é vista pela dialética, não de forma abusiva, mas respeitando as autonomias relativas das partes, relativas por serem aparentes, mas que obedecem, nas suas dinâmicas "isoladas", à dinâmica do capitalismo enquanto totalidade que se desenvolve. É o domínio do todo sobre as partes.

A passagem da totalidade à ela mesma dá a base científica através do conhecimento dos fatos e suas relações íntimas. Esse mecanismo encontra-se muito distante do empirismo, pois não fica retido no caráter imediato do fato, nem tampouco busca manipulações a partir de categorias construídas idealmente e facilmente manipuláveis.

Aqui os fatos, e suas relações, por mais depurados e isolados que possam encontrar-se, pelo processo mesmo das abstrações, não perdem jamais suas conexões com o mundo real enquanto totalidade. As abstrações não constituem condições para a veracidade do raciocínio, mas verdadeiros

15. Ver LUKACS G. Op. cit.

pressupostos(16), os quais uma vez relaxados não colocam em risco a apreensão da realidade.

O método de Marx constitui numa sequência de relaxamentos até que se chegue ao completo alcance da totalidade de onde se partiu. Esse movimento, que se verifica pelo processo de abstração mental, permite que se chegue à essência das relações íntimas dos fatos, na medida que suas aparências fenomênicas sistematicamente as esconde.

"Toda ciência seria superflua se a essência das coisas e sua forma fenomênica coincidissem diretamente".

Isso porque todo processo, uma vez findo, faz desaparecer, no imediato de sua apresentação, as articulações que permitiram sua própria formação genética. Às ciências sociais tem finalidades específicas, por isso mesmo apresentam-se enquanto ciência de uma ou outra classe. Entretanto, essas finalidades devem obedecer, ou ter em vista, a reconstituição da totalidade, por isso mesmo deixa de ser arbitrio.

Assim, não concordamos com Shumpeter quando afirma que: "O processo social, na realidade, é um todo indivisível. De seu grande curso, a mão classificadora do investigador extrai artificialmente os fatos econômicos"(17). Essa maneira de abordar o problema permite um questionamento de caráter metodológico. Dizer que "o processo social é um todo indivisível" é acertar apenas parcialmente, ou seja, com uma

16. Como em Sraffa, que tem como hipótese principal de trabalho, o pagamento do salário como fração do produto líquido. Essa hipótese fica contestada quando de sua supressão, simplesmente ao se colocar o salário como parte do capital engajado na produção, seja na forma de uma cesta de bens-salário, seja como preço do trabalho. Pois, na medida que Sraffa concebeu univocamente uma relação entre sistema de produção e sistema-padrão, não pode haver sistemas de produção diferentes com o mesmo sistema-padrão. Assim, a mercadoria-padrão deixa de existir e o movimento dos preços relativos fica ininteligível, por outro lado, a variação do salário se traduz necessariamente pela modificação da quantidade de mercadorias avançada pelos capitalistas e logo se traduz por uma mudança do sistema de produção. Assim, sua hipótese inicial deixa de ser um pressuposto analítico e passa a ser uma condição para o próprio raciocínio. O salário é categoria da repartição exatamente por ser categoria da produção. Sraffa não reproduz uma das características essenciais do capitalismo, o assalariamento, o que reforça a necessidade do sistema de valor de Marx, o qual desenhoca no duplo caráter do processo produtivo, de um lado, produção de valor de uso, e de outro, produção de valor, ou processo de valorização. Ver BENETTI, C. Valeur et répartition. Grenoble, PUG/Maspero, 1976.

17. SHUMPETER, J. Teoria do desenvolvimento econômico. S. Paulo, Abril, 1982. p.9.

visão fotográfica, o processo social é realmente indivisível; entretando, se se trata de um processo ele próprio se divide, se fraciona e se reúne, enfim ele se transforma. Assim, o método que pretenda captar esse movimento em toda sua plenitude deve estar arejado para avançar no conhecimento das transformações do real analisado. Daí Marx propor a diferença entre concreto e concreto pensado. Este como a recuperação mental daquele. Por outro lado, no momento em que "a mão classificadora do investigador extrai artificialmente os fatos econômicos", esta mão deixa de ser "classificadora" e, a despeito de normas e regras para tal procedimento, passa a ser usurpadora do real, perdendo seu compromisso analítico de explicação do real, passando à casuística e ao arbítrio, pois a classificação deixa de obedecer ao critério ditado pelo próprio real que permite sua apropriação pela via do pensamento.

A totalidade deve ser entendida aqui como reprodução mental do existente na realidade concreta, a qual tem existência independentemente do próprio processo de mentalização, ou de reconstituição do real no pensamento. Assim é que as categorias expressam relações existentes no real e somente constituem elementos sistematizáveis na reconstituição do próprio real.

A ortodoxia enquanto respeito ao método deve ser entendida como uma viagem de retorno ao próprio método, isolando os contatos não-marxistas. Essas relações com pensamentos estranhos ao marxismo vem deslocando o eixo das lutas proletárias, ainda que muitos autores tenham se mantido fieis às suas consciências, sem caputulação.

Esse método tem sido muito vilipendiado ao longo da história, sobretudo com os esquematismos dogmáticos e difusionistas de Stalin, bem como pela II Internacional. As revisões exercidas refletiram interesses ideológicos e políticos e recorreram a pensamentos estranhos ao marxismo¹⁸. Elas são hoje parte das formulações que deram origem as diversas interpretações de Marx. Entretanto, a força do seu método deve ser buscada num retorno à sua base original, ou seja, a partir de uma releitura do próprio Marx e de seu seguidores.

18. Um reexame da obra de Marx é o proposto por Louis Althusser, em que as obras da juventude (1841-1844) são consideradas como ainda idealistas, enquanto *A Ideologia Alemã*, os *Grundrisse* e o *Prefácio a Contribuição* são consideradas como equivocadas, restando somente *O Capital* como a única obra que deva ser julgada. A linha de continuidade existente em todo o trabalho de Marx torna impossível esse tipo de separação entre o Marx "jovém" e o "maduro". Para contestar esse tipo de separação, basta arguir sobre o conceito de alienação, antes e depois de *O Capital*.

CUIDADOS "PARA LER O CAPITAL"

Essa tarefa não deve ser entendida como meramente interpretativa dos textos originais. Essa interpretação deve ser encarada como primeira tarefa, em que o autor se exprime através do seu texto. O texto é pois o ponto de partida da interpretação, enquanto a interpretação explica o texto(19).

Entretanto um segundo momento é necessário, talvez o mais importante, ou seja, face a história das interpretações do texto de Marx descobrem-se significados distintos do próprio texto. É nesta ordem que a releitura do texto se faz importante, no sentido de captar elos perdidos que não foram considerados como significativos na história das interpretações, mas que não diminuem de importância no plano global da obra(20).

Uma releitura deve buscar uma interpretação autêntica do autor através do seu texto. A autenticidade deve respeitar a ordem metodológica que se baseiou o autor, é nesse sentido que as verdadeiras explosões críticas vem do interior metodológico(21), as críticas externas, ainda que sérias, são limitadas, quando não inteiramente ideologizadas que perdem o sentido da realidade(22), por isso mesmo são mais fáceis de serem rechaçadas.

Na medida que existe uma história interpretativa do texto, a releitura tem dupla responsabilidade, de um lado, buscar a especificidade íntima do texto como forma de sua compreensão e, por outro, criticar interpretações anteriores que não se mantiveram fiéis ou deixaram lacunas devastadoras aos objetivos do texto.

Entendemos como manter-se fiel, a subordinação ao princípio do respeito à estrutura metodológica do texto, e entendemos por lacuna, aspectos que foram deixados de lado ou por serem secundarizados ou por desconhecer o verdadeiro significado de partes integrantes, as quais, exatamente pelo desrespeito metodológico, muitas vezes foram consideradas como digressões "sociológicas" ou "filosóficas"(23).

19. Ver KOSIK, K. Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

20. Vide a recente atualidade das questões do dinheiro na obra de Marx.

21. No mesmo sentido que Eco sobre S. Tomás: "... para dizer que Tomás foi grande diz-se que foi um revolucionário e será necessário saber em que sentido o foi: porque se não se pode dizer que tenha sido um restaurador, trata-se no entanto sempre de alguém que ergueu um edifício tão sólido que depois nenhum outro revolucionário conseguiu abalar por dentro - e o máximo que se podia fazer, de Descartes a Hegel, de Marx a Teilhard de Chardin, era falar dele "de fora"', ECO, H. Elogio de Santo Tomás de Aquino. In: Op. cit. p. p. 332.

22. Como Abracurcix rei dos gauleses, cujo único temor é que o céu lhe caia sobre a cabeça.

23. Vide Shumpeter com sua divisão do Marx Economista, Filósofo e Sociólogo.

Este tipo de separação do conhecimento, nas variadas disciplinas, bem como o enquadramento do marxismo neste corte epistemológico que lhe é estranho, tem conservado, em muitas das interpretações de Marx, erros, equívocos e falsidades objetivadas que, contraditoriamente aos seus objetivos, conscientes ou inconscientes, tem conservado uma modernidade à obra de Marx, não a modernidade dos argumentos ali contidos, estes falam por si independentemente das opiniões, mas a modernidade da discussão dessa obra.

Metodologicamente, Marx separa desde o início o ser social, com existência independente do seu conhecimento, e o método para captar esse ser social no pensamento, ou seja, conhecê-lo(24).

É preciso ainda ter em consideração que o ser social, de vida independente, constitui uma totalidade dinâmica, uma unidade complexa e processual. Em Marx, diferentemente das ciências naturais, somente por intermédio do raciocínio se alcança o entendimento do ser social. Isso porque a realidade do ser social se apresenta sempre de forma imediata e acabada, como um resultado; assim é que a mediaticidade somente é possível pelo pensamento, o qual em se apropriando das relações internas dos fenômenos que compõem o ser social, acaba por se apropriar do próprio ser social.

A realidade se apresenta numa totalidade, por exemplo, a população, "que é a base e o o sujeito do acto social de produção como um todo"(25). Um exame mais rigoroso permite notar que a população é simplesmente uma representação que merece ser melhor analisada com o auxílio de abstrações isoladoras. Até que se chegue aos elementos mais simples dessa representação, para, partindo daí, retornar à população, "que não seria, desta vez, a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas"(26).

Esse caminho, entretanto, prende-se sempre à realidade que se quer explicar, para que não se caia em idealismos, modelações etc. O concreto exprime múltiplas determinações, por isso ele exprime a unidade de um processo de síntese, um resultado. O processo que desenhoca nesta síntese é alcançado mediante abstrações isoladoras, que permite a montagem do concreto no pensamento, reproduzindo-o como concreto pensado. Na medida em que houve a separação entre o ser social e o método para conhecê-lo, não se pode agora identificar o concreto pensado como a gênese do próprio concreto, este continua tendo sua existência independentemente do pensamento.

24. Ver LUKACS, G. Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. S. Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.

25. Marx, K. Contribuição para a Crítica à Economia Política. Lisboa, Ed. Estampa, 1974. p. 228.

26. Idem. p. 229.

Como selecionar as partes que compoem o concreto, tendo em vista alcançar o elemento genético mais simples da representação fenomênica população? Aqui entra o caráter teleológico da ciência social, o qual, por ter sentido de finalidade, deve ser distinguido de pontos de vista. Assim é que, na medida que o ser social tem existência própria, o seu conhecimento pressupõe evidentemente a aceitação dessa existência. A prioridade categorial no processo de abstração respeita a historicidade de formação do próprio ser social, que deve sua formação e desenvolvimento a seus processos e relações internos e não ao pensamento que lhe é externo, logo, por isso mesmo, não pode atribuir sua formação, mas apenas captá-la.

O sentido de finalidade não exclui a objetividade científica. Esse sentido é próprio do ser social, e vai de sua origem ao resultado último tal qual se apresenta fenomenologicamente. Se o analista deixa de captar o movimento mesmo do ser social, evidentemente que incorrerá em arbítrio ideológico, moral, religioso ou simplesmente erro.

O isolamento dos processos e relações da economia, enquanto ser social, fica impossível de ser alcançado fora do pensamento, pois a realidade já se apresenta formada aos nossos sentidos e não se dispõe de laboratórios para experimentos a não ser a própria mente do analista. Assim, somente no pensamento é possível se verificar o funcionamento processual das relações que condicionaram a formação do econômico.

Esse pensar permite a construção da teoria econômica verdadeiramente científica, a qual deriva seu conhecimento, por um lado, da própria economia real, e por outro, de momentos extra-econômicos, a exemplo da luta pela definição do salário e da jornada de trabalho(27).

O ponto de partida para a tomada de conhecimento é pois a realidade econômica fenomênica que se pretende explicar, entretanto essa realidade é decomposta por meio de abstrações até que se alcance a forma mais elementar constituída na mercadoria(28). Assim é que se inicia a análise partindo da realidade social enquanto totalidade e retorna-se a essa mesma totalidade, agora já explicada.

O reconhecimento do econômico como campo privilegiado se prende a uma circunstância objetiva, significa dizer que os homens primeiro asseguram as condições materiais da

27. Escapando então de derivações mecânicas ou ideais, a exemplo da definição do salário dado pelo valor da produtividade marginal do trabalho.

É preciso lembrar ainda que o extra-econômico surge continuamente no próprio movimento das mercadorias, dentre elas a força de trabalho, como imposição da lei do valor.

28. Mesmo essa forma elementar é analisada inicialmente no plano fenomênico, valor de uso, para em seguida ser analisada na sua essência ou no seu valor.

vida, produção e reprodução, para em seguida poder ocupar-se da política, da ciência, da arte, da religião etc. Assim, pode-se produzir, sem que se tenha uma percepção do mundo, o contrário não é possível. "Assim como não se julga um indivíduo pela idéia que ele faz de si próprio, não se poderá julgar uma (...) época (...) pela sua consciência de si; é preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção"(29). Esse privilégio analítico não deve ser entendido de forma valorativa, mas como um princípio que estabelece que não se pode pensar antes de um certo desenvolvimento do existir.

A obra de Marx de crítica à economia política visa esclarecer sobre as leis que regem o funcionamento e desenvolvimento do capitalismo. Este objetivo está subordinado a uma teoria metodologicamente articulada, de forma a construir um todo orgânico em que as partes devem necessariamente respeitar não somente a logicidade das ideias, como também o sentido histórico do que se pretende explicar: o capitalismo.

Essa subordinação não se atribue a uma coerência abstrata, nem tampouco a uma mania de rigor lógico, mas a uma convicção de que a harmonia metodológica do pensamento de Marx se comporta como uma cúpula: todas suas pedras se firmam em conjunto ou tombam. Não se tem de um lado uma doutrina conservada em alguns de seus traços e, de outro, a liberdade de ação de suas partes, a ponto de se pretender salvar o coração ou o cérebro, em se jogando o restante do organismo à lata do lixo.

Marx iniciou a apresentação da sua pesquisa com um estudo aprofundado da mercadoria, esse início obedece uma ligação metodológica que na sequência do seu trabalho vai exprimindo uma conexão estrutural. Na medida que essa conexão estrutural é respeitada, tem-se a validação do escopo metodológico, bem como transforma a obra de Marx num todo artístico, o qual será aceito ou derruhado na sua integralidade.

Partindo da mercadoria, elemento de fundamental importancia do capitalismo, passa-se imediatamente ao estudo do valor, em seguida estuda-se o dinheiro, e por fim o capital. Não se trata aqui de conceitos e suas dialéticas, mas de uma sucessão de categorias que reflete o desenvolvimento histórico da realidade do capitalismo.

A sequência mercadoria, valor, dinheiro e capital anuncia um princípio de prioridade, o qual deve ser entendido dentro de um sentido de ultrapassagem evolutiva, logo a compreensão de cada uma delas somente é possível através do entendimento da categoria imediatamente anterior. O inverso também se revela possível, na medida em que cada uma delas pressupõe as seguintes, ou seja, as categorias

29. MARX, K. Contribuição para a crítica da economia política. Lisboa, Estampa, 1974. p.29.

simples encontram a plenitude do seu desenvolvimento num mundo mais complexo(30).

Marx escolheu não uma mercadoria individual ou as mercadorias no plural, ele escolheu a mercadoria enquanto generalidade abstrata. Historicamente desde que há troca, tem-se a forma relativa e a forma equivalente. Entretanto, sendo o fim último das mercadorias o consumo, tem-se que A troca x por y de B, y é o equivalente de x para A, e x é o equivalente de y para B. Somente numa etapa posterior do processo histórico é que uma das partes envolvidas no processo de troca, usa sua mercadoria como porta valor para aquisição de uma terceira mercadoria, a forma equivalente neste momento vai tomando a forma dinheiro. O dinheiro aparece agora como um elemento mais complexo que a própria mercadoria. Assim o dinheiro é e não é uma mercadoria. Ele é uma mercadoria enquanto objeto de utilidade e não o é quando exerce função de equivalência.

Começar pela mercadoria e não pelo dinheiro respeita a historicidade, a gênese, o processo de exteriorização do próprio ser social. O dinheiro envolve uma complexidade maior que a mercadoria em si. Logo, é pelo estudo da mercadoria que se inicializa a análise, partindo daí vai-se ao estudo do dinheiro, o dinheiro pressupõe a mercadoria, a mercadoria ganha maior plenitude com o dinheiro. Está garantido o princípio metodológico que vai do simples ao complexo, do abstrato ao concreto.

Assim é que, o capital não pode se manifestar sem a mercadoria, sem o valor, sem o dinheiro, da mesma forma que a mercadoria, o valor e o dinheiro encontram seu pleno desenvolvimento no capitalismo. Isso somente foi possível a partir do momento em que o trabalho assalariado passou a constituir a base da produção mercantil, sobretudo após o sistema da maquinofatura no século XVIII. É a lei do valor se impondo à sociedade capitalista, como lei própria do capitalismo.

Evidentemente que essa imposição não se faz de forma direta, mas através de intermediações, ou seja, não é o valor que regula diretamente as trocas, mas os preços de mercado. Esses preços oscilam em torno do valor não como tendência ao equilíbrio mas como polo de atração(31).

Neste sentido é que, desde o início, a análise contida em O Capital se prende ao capitalismo, demonstrando os equívocos das análises baseadas no critério de que até o estudo do dinheiro Marx tratou de uma sociedade mercantil simples (M-D-M). Não. A mercadoria, o dinheiro, a relação de circulação simples constituem momentos integrantes de um mundo mais complexo e desenvolvido, o qual foi depurado, por meio do pensamento, das relações mais complexas e desnecessárias até aqui. Essa relações mais complexas vão

30. ROSDOLSKY, R. La genese du "capital" chez Karl Marx. Paris, Maspero, 1976.

31. Esperamos definir melhor esse ponto em trabalho posterior, no tratamento da questão do dinheiro em Marx.

sendo incorporadas passo a passo, até que a realidade da qual se partiu seja totalmente refeita e explicada em suas últimas determinações.

Assim é que as conclusões sequenciais oferecidas ao longo de toda a obra aparecem como resultados da estrutura metodológica aplicada. Logo, o rompimento com esse método, através de aceitações/negações parciais, constitui a derrocada do próprio método por inteiro. O todo artístico de O Capital guarda uma conexão com a coisa pesquisada. Essa conexão não perde jamais a ligação com a realidade histórica e econômica que se pretendeu explicar, a saber, o capitalismo. A realidade histórica do capitalismo é agora expressa por meio de uma estrutura lógico-dialética.

Deixa-se então de explicar como se produz dentro de relações de produção do capitalismo e passa-se a explicar como essas relações de produção são produzidas.